



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE UM PROFESSOR: DISCUTINDO AS
MASCULINIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

MAURO MARQUES

Florianópolis

2016

Mauro Marques

**NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE UM PROFESSOR: DISCUTINDO AS
MASCULINIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Florianópolis

Dezembro de 2016



NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE UM PROFESSOR: DISCUTINDO AS
MASCULINIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Este trabalho de Conclusão de curso foi avaliado e _____ em sua
forma obtendo nota _____.

Florianópolis, 15 de Dezembro de 2016.

Coordenador do Curso

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Patrícia de Moraes Lima

Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof.^a Dr.^a Jodete Gomes Fullgraf

Examinadora

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof.^a Dr.^a Roselane Fátima Campos

Examinadora

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof.^a Dr.^a Regina Ingrid Bragnolo

Suplente

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha família que sempre me apoiou e vem me apoiando em todas as minhas escolhas, que me deu força a continuar no curso de Pedagogia, em que na primeira fase deste curso tinha a vontade de desistir.

Aos meus amigos que conquistei nesta Universidade e quero carregar comigo para a vida, sim, vocês fizeram também toda a diferença nestes 5 anos e meio de graduação. Meus amigos da vida, que compreenderam muitas vezes a minha ausência, fico muito feliz em saber que sempre pude contar com vocês em vários momentos.

Meu companheiro que mesmo eu estudando, pesquisando, não dando muito atenção a ele, estava ao meu lado sempre.

Agradecer ao Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI e CEI Flor do Campus pela oportunidade do meu crescimento na área da educação infantil, esta que tenho amor em trabalhar, cresci muito nestes dois espaços.

Obrigado a todos os professores que contribuíram para a minha formação acadêmica.

E por fim, agradecer a minha orientadora Prof^a Patrícia de Moraes Lima, que ao primeiro convite para me orientar aceitou, e embarcamos juntos nesta pesquisa, que foi muito prazerosa. Compartilhamos alguns momentos de nossas vidas pessoais, demos muitas risadas. Você foi parte fundamental deste trabalho de conclusão de curso, para você meu muito obrigado.

SUMÁRIO

1 Apresentação	7
2 Revisitando os conceitos de Gênero e Masculinidade.....	9
2.1 Joan Scott e os estudos de Gênero.	9
2.2 Os estudos de masculinidades: masculinidade hegemônica e seu conceito.....	13
2.3 Mapeamento do estado de conhecimento sobre masculinidade na Anped.	16
2.4 Narrativas autobiográficas: uma questão metodológica.	18
3 Trajetórias de um professor na área da educação infantil: as primeiras questões da pesquisa	20
4 Minhas narrativas, meus registros.	27
5 Considerações Finais.....	32
6 Referências Bibliográficas	34

1 Apresentação

Essa pesquisa versa sobre o conceito de masculinidade na área da educação infantil, trazendo alguns questionamentos sobre como o corpo masculino é alvo de preconceitos por lidar com crianças de pouca idade. Retomo alguns aspectos da história da educação desde a revolução industrial até os dias de hoje para melhor compreender como esse universo educativo é predominantemente habitado por mulheres. Na sequência do trabalho, narro algumas de minhas vivências no campo da docência, vivências retiradas dos meus registros como professor, vivências onde experienciei preconceitos por ser do sexo masculino.

A relevância do trabalho pode ser considerada de irrefutável indispensabilidade, pois, tratará de um tema pouco discutido na educação, por ser naturalizada a presença feminina com as crianças de pouca idade. Essa naturalização da presença feminina é vista já nos cursos de graduação em pedagogia, e pouco discutida também na graduação. Metodologicamente, este trabalho adotou o tipo de pesquisa autobiográfica, pois a escrita autobiográfica tem uma reflexão do que já foi vivenciado, estabelecendo um momento singular ampliando o conhecimento interpretativo e reflexivo sob o professor e sua docência. No âmbito educacional, estas narrativas trazem consigo um método de construção do conhecimento que fundamenta a reflexão do fazer pedagógico e a re-significação da própria ação, como nos mostra GASPAR; PASSEGGI; PEREIRA (2012). Usarei meus registros durante o período em que trabalhei em determinadas instituições de educação infantil, e que nessas instituições pude experienciar alguns questionamentos sobre o corpo masculino na relação com as crianças de pouca idade.

Dentre as situações observadas e registradas, destaco as seguintes, a título de exemplificação, mas que neste trabalho irei apresentar mais detalhadamente: (i) situação ocorrida em meu primeiro local de estágio, ao convidar uma menina para ir lavar as mãos para o lanche, quando um familiar interrompe minha ação e afirma que esta menina tem medo de homens; (ii) procura de vaga de emprego, onde sou discriminado por ser do sexo masculino; (iii) quando professor de um grupo, faço uma entrevista com uma mãe para me apresentar e conhecer um pouco mais sobre seu filho.

Estes fragmentos de registros da minha prática pedagógica foi o que me impulsionou a pesquisar e questionar qual a discriminação que o corpo masculino sofre no espaço da Educação Infantil.

O título deste trabalho “Narrativas autobiográficas de um professor: discutindo a masculinidade na educação infantil” trata dessas vivências que pude experienciar ao longo da minha trajetória como professor na Educação Infantil. O tema de pesquisa desenvolvido neste trabalho vem me chamando a atenção desde meu primeiro contato com a educação, a motivação para aprofundar esta pesquisa deu-se a partir de uma conversa com a Prof^a Dr^a Regina Ingrid Bragnolo, que faz parte do Instituto de estudos de gênero - IEG da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. O trabalho parte do seguinte problema de pesquisa: será que os homens encontram-se preparados para assumirem um grupo na educação infantil? Como a sociedade vê o corpo masculino na Educação Infantil? Quais os desafios para a Educação Infantil no que diz respeito a docência masculina? Estas são as perguntas que caminham comigo desde o início do curso até a conclusão deste trabalho.

2 Revisitando os conceitos de Gênero e Masculinidade.

2.1 Joan Scott e os estudos de Gênero.

Joan Wallach Scott é uma historiadora norte-americana, nascida no Brooklyn, dedicou seu trabalho e pesquisa à história francesa, o movimento operário e história intelectual. Em 1980 direciona seus estudos para a história das mulheres, na perspectiva de gênero. Entre a suas publicações está o artigo “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”, publicado em 1986.

Scott inicia seu texto trazendo questões gramaticais com a palavra “gênero”, e como ela deve ser usada. Então ela traz algumas abordagens citando as dificuldades encontradas na utilização desta gramática e as implicações sobre esta terminologia. Muito recente um grupo de feministas começou a usar a palavra “gênero” com mais seriedade, se referindo à organização social da relação entre os sexos.

De acordo com a autora em seu texto “Na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados (SCOTT.p.3)”. Scott começa a discutir o uso e o sentido usado no termo gênero em trabalhos acadêmicos, dando importância ao uso desta terminologia deveria levar a mudança de análises descritivas para analíticas, mas isto só seria possível com o pensamento de novos paradigmas teóricos.

O grupo de feministas defendiam que o termo “gênero” proposto por elas, era um termo muito importante para a pesquisa sobre as mulheres e que transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina, e que os estudos sobre as mulheres acrescentaria não só novos temas como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critério de trabalho científico existente. Pois segundo as feministas deveria se ter uma redefinição das noções do que seria tradicionalmente importante para as pesquisas históricas. Para que aconteça essa reconfiguração sobre o que é legítimo ou o que é legitimado nas pesquisas históricas, é de suma importância tratar o conceito de gênero como uma categoria de análise nas pesquisas, e não apenas como categoria uma categoria que é descritiva. Colocar o termo gênero como categoria

de análise auxiliar de forma significativa para a compreensão e para a reformulação no que hoje é chamado de uma nova história das mulheres.

Ainda sobre o conceito de gênero, Scott traz: “As abordagens utilizadas pela maioria dos (as) historiadores (as) se dividem em duas categorias distintas. A primeira é essencialmente descritiva, isto é, ela se refere à existência de fenômenos ou realidades sem interpretar, explicar ou atribuir uma causalidade. O segundo uso é de ordem casual, ele elabora teorias sobre a natureza dos fenômenos e das realidades, buscando entender com e porque aqueles tomam a forma que eles têm.” (SCOTT, p. 6).

A palavra gênero é utilizada para caracterizar as relações sociais em ambos os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que caracterizam de forma comum o fato de que mulher tem filhos e que os homens têm uma força muscular superior. E de acordo com o texto: “O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres.” (SCOTT, p. 7).

A autora analisa três posições teóricas em que discutem o termo gênero, a do patriarcado, as marxistas e a psicanalítica. Vejamos: as teóricas do patriarcado amparam-se em uma adequação da teoria hegeliana, atendendo a teoria em uma suposta necessidade dos homens em subordinar as mulheres para fins de controlar os meios de reprodução da espécie, pensando de outra forma em garantir que seus herdeiros sejam de fato seus. Pensando na “abordagem patriarcal”, existem aquelas que defendem ser o controle da sexualidade escopo do patriarcalismo. A sexualidade feminina seria objetivada na mesma dimensão que o trabalho masculino.

Scott aponta que a teoria do patriarcado baseia-se nas distinções físicas entre os sexos. Analisando esta variante como procedência de total desigualdade de gênero, “a história se torna um epifenômeno que oferece variações intermináveis sobre o tema imutável de uma desigualdade de gênero fixa” (SCOTT, p.10).

Seguindo as orientações de Engels em “Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado” vem às teóricas marxistas, que representa a desigualdade de

gêneros em função dos modos de produção. De acordo com Heidi Hartman, o patriarcado e o capitalismo seriam dois sistemas diferentes, mas em permanente interação, o primeiro se desenvolvendo e adaptando em função do segundo. Conversas entre as feministas marxistas encaminharam a problematização de formas de interação nos sistemas econômicos e nas relações de gênero, desde o reconhecimento da divisão sexual do trabalho que já era presente antes do capitalismo e continuou no socialismo.

Existe uma abertura de paradigma na comprovação de que os sistemas de gênero tem sua existência sem depender dos sistemas socioeconômicos, tentando explicar como os sistemas interagem. Existe uma tendência em dar mais valor no econômico sobre o social e o sexual, aponta Joan Kelly. Pensando no ponto da sexualidade e da psicologia, temos estudos de Foucault nos volumes de ensaios “Power of Desire”, no ano de 1983, no contexto da revolução sexual, de compreender as relações de gênero como ligação entre as estruturas psíquicas e a sociedade. Scott critica que na matriz marxista existem algumas limitações, e com elas encontramos as dificuldades de desenvolvimento teórico, que acaba subordinando a concepção de gênero ao de uma estrutura econômica.

Scott pensando nas teorias psicanalíticas, cita duas escolas, a anglo-saxônica, que aborda o pensamento das relações objetais, e a francesa, que se baseia a partir do pós-estruturalismo de Freud, nas bases da teoria da linguagem lacaniana. Estas escolas têm como objetivo as etapas de formação do indivíduo, com perspectivas diferentes. Defendendo a identidade de gênero, vem à teoria das relações objetais, que é formada diante de experiências concretas, como a separação do trabalho familiar, e a responsabilidade de tarefas entre os pais.

Reduzindo a formação de identidade do sujeito a um espaço muito restrito, como se não existisse, além da família, outros sistemas que compunham esta construção, vem a crítica de Scott sobre a teoria anglo-saxônica.

Só foram aparecer às preocupações teóricas sobre gênero como uma categoria de análise no fim do século XX. Algumas destas teorias constroem uma lógica sob analogias com a oposição de masculino e feminino, outras reconhecem a questão do feminino, e outras se atentaram com a formação da identidade sexual subjetiva, mas o gênero, como meio de falar das relações sociais ou entre os sexos, não havia aparecido.

A terminologia gênero é pertencente das tentativas levadas pelas feministas contemporâneas questionar determinado campo de definição, para insistir sobre o caráter inadequado das teorias existentes em explicar desigualdades persistentes entre mulheres e homens.

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. Para Scott, gênero implica em quatro elementos relacionados entre si: o primeiro são os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas, Eva e Maria, como símbolo da mulher, na tradição cristã Ocidental, mitos de luz e escuridão, purificação e poluição. O segundo são conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas. O terceiro é explodir a noção de fixidade, descobrir a natureza do debate ou da repressão que leva a aparência de uma permanência eterna na representação binária dos gêneros. O quarto aspecto é a identidade subjetiva.

2.2 Os estudos de masculinidades: masculinidade hegemônica e seu conceito.

Falando na pós-modernidade, o modelo de masculinidade hegemônica¹, opera em grande escala e possui força. É possível notar na sociedade uma grande escala de diferentes modos de masculinidade, mas a partir das lutas políticas de alguns movimentos, como o movimento feminista, GLBT, que lutam pela legitimidade das diferenças, contribuíram para a ampliação da noção do conceito de masculinidade. Existindo mais de uma configuração de gênero masculino na sociedade. Sabendo desta existência, falaremos em masculinidades.

Com efeito, a materialidade do corpo também é marcada por divisores étnicos, de classe social, de gênero e sexualidade, por exemplo. São processos indissociáveis e simultâneos que conferem ao corpo um caráter plástico, móvel e plural. Percebemos que são múltiplas suas formas de expressão e modos de organização e que sua materialidade está intimamente associada às suas maneiras de inserção no mundo. (LIMA; ROSA, 2013. p.127)

O conceito de masculinidade (s) está taxado no âmbito de uma concepção heteronormativa de gênero em que é criticado por potencializar a distinção de macho e fêmea, excluindo e diferenciando a partir das categorias de gênero. Sendo o conceito de masculinidades atribuído em uma separação do sexo biológico e gênero, desta forma distanciando ou naturalizando este corpo que transita em vários espaços e tempos. Dizer que o homem não pode assumir outros cargos, que deviam seguir determinadas identidades, mas temos a possibilidade sim, de mudar, não existe nada definitivamente fixado as masculinidades.

O corpo é um lugar, uma superfície e uma morada. Sem início, meio ou fim, um corpo não se ganha, mas se conquista. Ele é resultado de lutas, tensões, coerções, dores, prazeres, poderes e encontros. O corpo é uma geografia. Um lugar feito de muitos lugares. O corpo feito de lugares e experiências, comporta ainda o não-lugar. (ROSA, 2009. p.75.)

¹ O conceito de “masculinidade hegemônica”, formulado por R. W. Connell, tornou-se importante referência teórica nos estudos sobre masculinidades. Tal conceito diz respeito àquele grupo masculino cujas representações e práticas constituem a referência socialmente legitimada para a vivência do masculino.

São encontrados vários tipos de construção de masculinidades, algumas categorias são principais vista pela sociedade em que alguns meninos/homens demonstram relações diferentes de aderência e negação a essa categoria pré-definida sobre o conceito de masculinidades.

Podemos notar que o conceito de gênero traz consigo a heterossexualidade como norma, sendo isto criticado pelos vários modelos de gênero relacionais, em que a construção da categoria de gênero é alvo de investigação. Uma das questões centrais discutidas no conceito de masculinidade hegemônica é a divisão entre homens, principalmente a subordinação e exclusão dos homens homossexuais.

Na oposição entre sexo e gênero, o conceito de masculinidade, traz a ideia de que este conceito marginaliza ou naturaliza o corpo, trazendo essa dicotomia como um dos temas centrais das pesquisas sobre as masculinidades. Críticas são feitas ao conceito de masculinidade, apontando como uma tendência que estes corpos são incapazes, ou remetem a saúde e a doença destes homens que adentram o campo educacional, principalmente na educação infantil.

A construção da masculinidade em um contexto de incapacidade, os corpos laborais de homens da classe trabalhadora, a saúde e a doença dos homens e a violência interpessoal de meninos estão dentre os temas de pesquisas que demonstram como os corpos são afetados por processos sociais. (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.251)

Desta maneira, podem não corresponder verdadeiramente à vida de nenhum homem real, assim as masculinidades hegemônicas oferecem modelos que expressam, em vários sentidos, ideias, fantasias e desejos muito diferentes. De acordo com Connel os homens podem adotar a masculinidade hegemônica quando é desejável, mas os mesmos homens podem se distanciar estrategicamente da masculinidade hegemônica em outros momentos.

Este território que é predominantemente habitado pelo feminino, no século XX, a feminilidade passa por uma reconstrução identitária, sendo um dos pontos teóricos que teve mais reflexão num caráter que envolve as práticas sociais, é a reconstrução da masculinidade em um campo social e histórico, sendo então um objeto de pesquisas,

requerendo destes homens que atuam na educação posicionamentos a fim de se forjar novas masculinidades.

Connell (1995, p. 189) aprofundando melhor essa discussão no artigo “Políticas da masculinidade” chama atenção para os riscos que se pode cometer no esforço desmedido para corresponder às normas masculinas. Isso para o autor pode levar à violência ou à crise pessoal. “Não devemos pensar as masculinidades como construções fixas, mas sim entendidas como capazes de serem permanentemente reconstruídas [...] Se gênero é produto histórico, então ele está aberto à mudanças históricas”.

2.3 Mapeamento do estado de conhecimento sobre masculinidade na Anped.

Neste subcapítulo irei analisar os trabalhos do GT 23 – Gênero, Sexualidade e Educação publicados no site da Anped², ela tem como objetivo: fortalecer e promover o desenvolvimento do ensino de pós-graduação e da pesquisa em educação, procurando contribuir para sua consolidação e aperfeiçoamento, além do estímulo a experiências novas na área; incentivar a pesquisa educacional e os temas a ela relacionados; promover a participação das comunidades acadêmica e científica na formulação e desenvolvimento da política educacional do País, especialmente no tocante à pós-graduação.

Foram analisados cinco anos de publicação dentre eles estava da 33ª edição até a 37ª edição, que aconteceram em diferentes regiões como: Florianópolis – SC, Porto de Galinhas – PE, Goiânia – GO, Natal – RN e Caxambu – MG. Foi feito o levantamento de trabalhos, no total de noventa trabalhos publicados, primeiramente foi-se analisado seus títulos, para mapear qual iria de encontro com o título deste trabalho de conclusão de curso, que o foco principal é a masculinidade na educação infantil. Foram encontrados dezesseis trabalhos ao todo, um novo mapeamento foi feito, agora buscando o termo masculinidade em seu contexto, após este novo mapeamento foram encontrados sete trabalhos, cujo foco tratava do termo masculinidade.

Uma nova pesquisa foi feita agora fazendo um recorte para a educação infantil, dos sete trabalhos, foi selecionado apenas dois, que em seu contexto traz questões de gênero, infância, masculinidade e educação infantil. Os textos selecionados são: “Trajetórias na docência: Professores homens na educação infantil”, de Mariana Kubilius Monteiro e Helena Altman, e “Sexualidade, gênero e diversidade: currículo e prática pedagógica”, de Alexandre Silva Bortolini de Castro. Farei um apanhando geral do que cada trabalho publicado e selecionado traz em seu contexto.

O trabalho intitulado “Sexualidade, gênero e diversidade: currículo e prática pedagógica” de Alexandre Silva Bortolini de Castro tiveram como metodologia a

² A ANPEd é uma associação sem fins lucrativos que congrega programas de pós-graduação stricto sensu em educação, professores e estudantes vinculados a estes programas e demais pesquisadores da área. Ela tem por finalidade o desenvolvimento da ciência, da educação e da cultura, dentro dos princípios da participação democrática, da liberdade e da justiça social.

análise de conteúdo, que é um projeto de diversidade sexual na escola, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sendo um curso de extensão para profissionais da educação. O material de análise foi os registros de diários de atividades produzidos por estes profissionais atuantes na educação. Nestes registros eram apontadas possibilidades de trabalhar o tema diversidade sexual e de gênero.

Não são poucos os estudos que apontam o quanto a educação brasileira mantém práticas sexistas, construindo divisões e modelos de masculinidade e feminilidade bem marcados, distintos e por vezes antagônicos. E os vários registros analisados partem em saber quais concepções e representações se têm sobre masculinidade e feminilidade.

O segundo trabalho publicado intitulado “Trajetórias na docência: Professores homens na educação infantil”, de Mariana Kubilius Monteiro e Helena Altman, foi uma pesquisa realizada com homens que atuam como professores na educação infantil na rede pública de São Paulo, considerando a trajetória de cada um, e destacando que o público predominante desta área é por mulheres, e outro ponto da pesquisa é o que levou a escolha desta área de atuação.

O trabalho docente na Educação Infantil, desde sua origem, esteve relacionado ao sexo feminino. De acordo com Souza (2010), embora essa primeira etapa da Educação Básica tenha diversas origens, nas várias propostas o cuidar e o educar se relacionavam à maternidade e ao âmbito doméstico, características consideradas femininas. Essa vinculação ao feminino deve-se à associação das características do trabalho na Educação Infantil à "produção humana".(ALTIMAN; MONTEIRO, 2013. p.2.)

Após a pesquisa realizada, o trabalho evidencia as relações de gênero que atravessam as trajetórias dos sujeitos da pesquisa realizada. O ponto de vista do qual eles partem para realizar a pesquisa e os estudos de gênero e os estudos sobre a (s) masculinidade (s), trazendo em seu contexto as discussões a cerca do termo gênero abordado por Joan Scott. A autora acrescenta que tal palavra indica a rejeição do determinismo biológico implícito em termos como “sexo” ou “diferença sexual”, introduzindo uma perspectiva relacional, a partir da qual “as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado” (SCOTT, 1991, p. 3).

2.4 Narrativas autobiográficas: uma questão metodológica.

Ter como reflexão a sua escrita, uma escrita autobiográfica, estabelece um momento singular para ampliar o conhecimento interpretativo e reflexivo sobre o eu e sobre o dia a dia no âmbito educacional. Promover esta autorreflexão é escrever sobre si e sobre o seu trabalho, esta escrita possibilita especificar a singularidade, entender o universal, compreender o caráter processual da formação e da vida, atrelando espaços, tempos e as várias dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida.

Atualmente, escrever sobre o que se faz e o que se sente tornou-se um recurso de pesquisa para analisar o cotidiano e a prática profissional. No âmbito da educação, as narrativas autobiográficas compõem um método de construção do conhecimento que fundamentam a reflexão do fazer pedagógico e a re-significação da própria ação. (GASPAR; PASSEGGI; PEREIRA, 2012, p.2)

Escrever um diário é cumprir uma importante parte do elemento de expressão das vivências e das emoções, pois quando escrevemos sobre o eu, carregamos consigo a realização de dois processos: racionalizar a vivência ao escrevê-la e reconstruir a experiência. Tornando os que escrevem este diário em pesquisadores, e no processo da escrita carrega três posições importantes: ator, narrador e pesquisador.

Trarei no próximo capítulo alguns de meus registros, descrevendo as vivências em meu campo de docência. O registro de um professor carrega consigo múltiplas formas e funções, guardando nesta escrita suas memórias e vivências no cotidiano escolar e de sua prática profissional. Registrando essas práticas permitirá ao educando identificar seu repertório de ações para e com as crianças, tornando o próprio percurso uma reflexão de sua formação.

Nesse caso, ele cumpre um importante papel porque se torna elemento de expressão das vivências e das emoções, pois "escrever sobre si mesmo traz consigo a realização dos processos: racionalizar a vivência ao escrevê-la, reconstrói a experiência. (GASPAR; PASSEGGI; PEREIRA, 2012, p.3)

Irei agora priorizar alguns fragmentos escolhidos por mim, em que me fizeram pensar e repensar a questão da masculinidade na educação, principalmente na educação infantil, em que poucos homens atuam. Estes registros trazem indagações,

posicionamentos e inquietações por mim e pelos outros que estavam presentes no ocorrido. Trarei registros escritos, estes retirados de meu caderno de observação/registro, pois existem outras formas de registros como: visual (fotográfico, trabalhos das crianças...), áudio, ao produzirmos um registro, o professor organiza seu fazer e documenta sua história. Os próximos registros foram descritos em determinados tempos, com pessoas diferentes e espaços diferentes.

Madalena Freire afirma que "a escrita materializa, dá concretude ao pensamento, dando condições assim de voltar ao passado, enquanto se está construindo a marca do presente. É nesse sentido que o registro escrito amplia a memória e historia o processo, em seus momentos e movimentos (...)."

3 Trajetórias de um professor na área da educação infantil: as primeiras questões da pesquisa

Pude observar então, em minha docência, que esta profissão foi exercida por mulheres no decorrer da história da educação pelo fato de considerarem ser essa uma profissão constituída por um *dom* atribuído às mulheres, por assumir este papel mais próximo à maternidade, e quando um homem “invade”, adentra este espaço, principalmente na Educação Infantil, enfrenta preconceitos e barreiras sexistas. Para uma instituição educativa aceitar um homem como professor, existem ainda muitas barreiras que acabam reproduzindo um modelo social, fugindo dos documentos que regulamentam a educação brasileira.

Quando falamos sobre sexo masculino e feminino nos referimos às questões biológicas e ao papel sexual na sociedade de homens e mulheres. Quando falamos de gênero precisamos compreender que esse conceito, traz consigo as construções sociais para homens e mulheres, formadas por uma cultura, que de acordo com Scott (1986) gênero é um elemento constitutivo nas relações sociais que nos permite perceber as diferenças não só físicas entre os sexos, mas também as diferenças socialmente e culturalmente constituídas que acabam sendo admitidas naturalmente. Percebe-se que historicamente, as culturas se encarregam às distinções da natureza e tentam metodicamente formar uma direção de comportamento às mulheres e outra dimensão (frequentemente antagônica) aos homens.

Entende-se por gênero a construção social e cultural de homem e de mulher. Assim, as diferentes organizações sociais estruturam em diferentes períodos da história, modelos de masculinidade e feminilidade e lhe atribuem valores diferenciados e hierarquia. A teoria de gênero afasta da biologia e conduz para as ciências sociais explicações de desigualdades entre os sexos.

O preconceito em relação ao homem atuar com crianças de pouca idade, principalmente na educação infantil, ainda é muito forte no Brasil. Dentre estes preconceitos estão o social, sexual, religioso e o racial, mas o foco deste trabalho é o corpo masculino na Educação Infantil, como ele está inserido neste campo. O preconceito que os professores sofrem por atuarem em uma área com a predominância

extrema do sexo feminino e como esse corpo masculino tem pouco lugar neste espaço, considerando os aspectos sociais, históricos e subjetivos que caracterizam esta profissão. O principal foco do meu trabalho de pesquisa trata desse lugar das masculinidades na Educação Infantil.

A minha aproximação com o campo educacional, este que pretendo atuar e contribuir para as crianças que ali encontram-se inseridas foi no ano de 2011/2, quando ingressei no curso de graduação em pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Cursando a primeira fase da Pedagogia, inicialmente não me encontrei na área, estava desmotivado, pensei em desistir, então acabei reprovando em algumas disciplinas. Mas ao relatar isto para minha família, recebi o apoio para eu retornar e cursar a próxima fase para ter a certeza de minha escolha. No ano de 2012/1 retorno para o curso de Pedagogia, e logo em seguida consigo a bolsa de estágio não obrigatório remunerado no Núcleo de Desenvolvimento Infantil - NDI³ da UFSC.

No Núcleo de Desenvolvimento Infantil pude ter a certeza que esta área me encantava pelo fato de ali poder construir conhecimentos para estas crianças de pouca idade, e junto com elas aprender. Conhecimento este, que está assegurado na LDB (BRASIL, 1996), com o reconhecimento do direito à educação das crianças a partir do surgimento na constituição de 1988. Pensar na educação destas crianças nos exige sempre novas conexões e desconstruções para o enfrentamento dos desafios que poderão aparecer no processo formativo em que me encontro, principalmente, no exercício das primeiras experiências na educação infantil, ainda nesta formação inicial, que foi onde experenciei o primeiro contato com as crianças.

Nessa direção à formação da docência para a educação infantil específica assume um caráter educativo próprio no encontro com a infância. O aprofundamento na compreensão de quem são as crianças e as infâncias é fundamental para pensarmos as práticas para elas voltadas, a partir de um conjunto de saberes que as respeitem em suas especificidades geracionais, cruzadas com as

³ O Núcleo de Desenvolvimento Infantil, vinculado ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina integra a primeira etapa da educação básica desta universidade. Atuando na educação de crianças na faixa etária de 0 a 5 anos e 11 meses, consolida-se também como um espaço privilegiado de pesquisa e extensão no campo da educação infantil.

outras categorias sociais e que incorporem as suas contribuições enquanto crianças.
(AGOSTINHO; LIMA, 2015. p.60)

Foi no exercício da docência na Educação Infantil que vivi o primeiro contato com a discriminação por eu ser do sexo masculino. Ao estar em uma sala com o grupo de crianças com aproximadamente de 1 a 2 anos de idade, observei em uma fala de uma avó, o preconceito que ali permeava, afirmando que sua neta tinha medo de homens. Mas me pergunto que medo é este?

Os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados. Talvez devêssemos nos perguntar, antes de tudo, como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ser significada) como uma “marca” definidora de identidade; perguntar, também, quais significados que, nesse momento e nessa cultura estão sendo atribuídos a tal marca ou a tal aparência. (LOURO, 2000)

Estava ali junto a sua neta, dedicando-me a cuidar e educar a criança, pois a educação infantil é a primeira etapa da educação básica. Nesta fase em que a criança começa a desenvolver as suas capacidades físicas, cognitivas, afetiva, estética, ética, de relacionamento interpessoal e de inserção social. O que garante isto a essas crianças é a Lei de Diretrizes e Bases, promulgada em 1996, que garante a toda criança de zero a seis anos o direito à educação infantil e, ao Estado, o dever de promovê-la.

Logo após a esta situação em conversa com uma professora também no NDI, onde partilho o que me ocorreu, fui convidado por ela, Prof^a Dr. Regina Ingrid Bragagnolo a participar do evento Gênero e Diversidade na Escola, edição 2012 – 2013, curso do Instituto de Estudos de Gênero – IEG⁴, vinculado ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas e ao Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, com a participação de professores vinculados a vários departamentos de ensino da UFSC, que ofereceu o projeto Gênero e Diversidade na Escola. Este curso se insere na modalidade de formação continuada de professores e trata das temáticas de gênero, raça/etnia e orientação sexual. A partir desse convite, faço uma fala relatando este episódio e da

⁴ O IEG realiza estudos interdisciplinares dos discursos, histórica, social e culturalmente constituídos, sobre as diferenças sexuais – estudos de gênero. Desenvolve temáticas como política, sexualidade, saúde, direitos reprodutivos, trabalho, família, gerações, violência doméstica, comunicação, homossexualidade, identidade, subjetividade. Integra os núcleos de estudos de gênero dos diferentes departamentos e cursos da Universidade Federal de Santa Catarina, no exercício da interdisciplinaridade.

sensação que tive no momento ao ser questionado sobre a minha "competência/capacidade " em ser professor na Educação Infantil.

Foi a partir desta primeira situação que me deparei com o estranhamento do corpo masculino dentro de uma sala e que comecei a questionar e estudar um pouco mais sobre o preconceito ou implicações que o sexo masculino vem enfrentando no espaço da Educação Infantil.

Somos sujeitos de múltiplas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecem descartáveis, elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos culturais. (LOURO, 2000, p. 12)

Diversas atribuições são dadas aos corpos femininos e masculinos, nos enquadrando em modelos de roupas que devemos usar, maneira de agir, como é no campo educacional, esta tarefa é muito visível como feminizada, atrelando sempre aos cuidados e que um homem não consegue dar conta disto, pois o cuidado é associado ao corpo feminino e associado à maternidade.

Este preconceito, que está ligado ao receio ou ao medo em relação à masculinidade no espaço educativo, podemos inferir com isso algumas questões : i) a afirmação de uma visão em que somente a mulher consegue ensinar e educar as crianças; ii) se realmente a educação infantil está necessitando da presença mais intensa de homens para o exercício da docência; iii) ou ainda, podemos pensar que existem outras profissões para o sexo masculino, que estejam mais direcionadas para o corpo masculino e que portanto, o corpo masculino está menos preparado para esse trabalho.

O profissional que atua na educação infantil acaba por envolver-se em atividades que requer contatos corporais e trocas emocionais constantes com as crianças, este envolvimento acaba estando mais próximo do espaço doméstico, portanto, consideradas menos profissionais quando se fala de um corpo masculino atuando nesta área, para muitas famílias a instituição de educação infantil ainda é vista como uma extensão do lar. Embora muitos avanços tenham sido registrados quanto ao estudo e o reconhecimento legal do campo profissional e da profissão de pedagogo, que situam a

educação infantil como primeira etapa da educação básica e definem o profissional como professor com formação específica.

A escola é um dos caminhos para desconstruir esse preconceito, e deveria caracterizar-se como um espaço que não excluísse, e sim, uma aliada na quebra de paradigmas, se tornando um ambiente que não tivesse tantos desencontros em suas ações.

Após dois anos de estágio não obrigatório remunerado no Núcleo de Desenvolvimento Infantil, encerra meu contrato, e vou à procura de novo estágio. Começo a atuar no CEI Flor do Campus, localizado também no Campus da Universidade Federal de Santa Catarina, como auxiliar de Secretaria. Ali sempre fui muito bem recebido pelos (as) professores (as), mas nunca deixei de estar junto às crianças, assim que possível me encaminhava para as salas e quando percebia já estava ali sentado, brincando, auxiliando as crianças. Foi quando ao fim do ano a coordenadora pedagógica me convida para assumir um grupo. Fico muito feliz com esta proposta, mas, peço um tempo para pensar, então para dar a resposta.

Reflico sobre um episódio que aconteceu no meio do ano de 2013, quando ainda era auxiliar de secretaria ali no CEI Flor do Campus, pois a minha vontade era de estar em sala, junto às crianças, e fui à procura de outro estágio em outras instituições. Quando estava à procura de emprego e entrando em contato com as instituições de Educação Infantil, ao perguntar sobre a vaga de emprego, recebo a notícia pela secretaria que me atendeu que ali se tratava de uma instituição de Educação Infantil e não trabalhavam com homens em sala; a partir deste telefonema, fiquei mais instigado a pesquisar o porquê da existência do preconceito. Será que esta instituição pensa na criança?

Foi então que aceitei o convite feito pela coordenadora pedagógica do CEI Flor do Campus, assumi minha primeira turma na educação infantil, o grupo 6, com crianças de 5 a 6 anos. Ali notei algumas questões sobre gênero entre as crianças, como as cores, brinquedos, que os meninos são mais fortes que meninas e roupas. Foi a partir destas observações que comecei a desmistificar esses padrões impostos pela sociedade, que nos acompanham mesmo antes de nascer, quando pensam na construção de nosso quarto, qual cor será, quais brinquedos que ali vão esperar o nascimento da criança.

Pesquisei alguns livros de literatura infantil que trouxessem em seu contexto questões sobre gênero, alguns dos livros apresentados para eles foi “A Princesa

Sabichona”⁵ de Babette Cole, “Príncipe Cinderelo”⁶ de Babette Cole, “Ceci tem pipi?”⁷ de Thierry Lenain... Permaneci até fim do ano com esta turma, tive muitos desafios e conquistas junto a elas. Sempre muito respeitado pelas famílias, por todas as condições no campo educacional que um professor enfrenta.

Em 2016 me desafiei em assumir um grupo com crianças de 2 a 3 anos, no início do ano tive uma conversa com a mãe do único menino da turma, uma conversa de apresentação em que ela fica muito feliz em saber que eu seria o professor de seu filho, e que junto com isso poderia ensinar seu filho a jogar futebol e a fazer xixi em pé, que tudo isso contribuiria no desenvolvimento de seu filho. Explico a ela que não é por eu ser do sexo masculino que eu sei jogar futebol ou gosta deste esporte, mas pelo contrario não sou a favor de esportes que motivem a competição e que esta sempre envolvida em brigas e xingamentos e também não existe um jeito certo de fazer xixi, estas regras foram impostas pela sociedade, a sociedade que impõe que o homem faça em pé para mostrar sua masculinidade, caso contrario o homem é visto como “mulherzinha”, eu enquanto professor, quero mostrar ao contrario para estas crianças. E como o seu filho esta em processo de desfralde deixarei a melhor forma para ele se sentir a vontade para ir ao banheiro.

Continuo no campo educacional tentando mostrar para todos envolvidos nesta rotina: crianças, famílias/responsáveis, instituição e professores, que estamos ali, nós do sexo masculino, para contribuir na formação destas crianças, apresentando novos caminhos para pensar na sociedade.

O eixo central deste trabalho tem como base as discussões de gênero e masculinidade no campo educacional, com foco na educação infantil e o olhar da sociedade em relação a esta atuação. Trazer a tona esses preconceitos que envolvem o corpo masculino dentro de sala de aula, preconceitos estes que vivenciei por estar em uma área feminizada, e pelo meu corpo, corpo masculino causar um determinado estranhamento em funcionários e famílias. Será que esta tarefa esta voltada apenas para as mulheres? O sexo masculino não esta preparado para esta função?

⁵ COLE, Babette. A princesa sabichona. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

⁶ COLE, Babette. Príncipe Cinderelo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

⁷ LENAIN, Thierry. Ceci tem pipi?.II. Delphine Durand.São Paulo: cia das letrinhas , 2004.

Existem alguns estranhamentos ao corpo masculino quando ele acompanha uma criança ao banheiro, troca sua fralda, e quando um corpo feminino faz estas funções, há uma naturalização. O ensinar e cuidar de crianças de pouca idade é uma tarefa exclusivamente feminina? Ou simplesmente questiona-se se a educação de crianças realmente necessita de homens? Ou para eles existem outras profissões?

4 Minhas narrativas, meus registros.

Neste último capítulo trarei três fragmentos históricos de minha prática docente como professor, em que escolhi dentre vários. Usarei nomes fictícios para professores e crianças citadas para dar segurança nestes envolvidos. Neles é possível notar determinadas ações de preconceito sobre o corpo masculino.

O primeiro fragmento ocorreu no ano de 2012, logo no início do ano, estou à procura de um estágio remunerado, para então contribuir para minha formação acadêmica, foi quando soube através de e-mails enviados pela coordenação do curso de Pedagogia uma vaga de estágio não-obrigatório remunerado no NDI. Fui até o local e me inscrevi, passei pela seleção, e após alguns dias iniciei o estágio nesta instituição. Na minha primeira semana de formação pedagógica que aconteceu junto às coordenadoras fiquei sabendo que não teria uma turma fixa, e seria volante⁸, para meu início tudo bem, assim pude conhecer um pouco de todas as faixas etárias.

Quando então fui chamado para ficar no Grupo 2 com a professora Maria⁹, em que havia uma criança em inserção sendo acompanhada pela sua avó. Até então tudo estava correndo tudo bem. Brincamos, fizemos algumas propostas, mas sempre observei que aquela avó que estava ali presente na sala, ficava me observando, pensei no caso, por ser volante, que ela estaria a me observar. Chegou a hora do lanche entre 10:00/10:30 da manhã convidamos todas as crianças para ir ao banheiros fazer a higienização das mãos para iniciar o lanche, foi quando chamei Valentina¹⁰ (que estava em inserção ao grupo) para ir lavar a mão. Fui interrompido por sua avó afirmando que Valentina tem medo de homem, e que ela mesma levaria sua neta ao banheiro.

Examinaremos agora a questão das identidades sexuais num contexto mais amplo. A ideia de uma identidade sexual é uma ideia ambígua. Para muitos, no mundo moderno, é um conceito absolutamente fundamental, oferecendo um sentimento de unidade pessoal, de localização social e até mesmo de comprometimento político. Não são muitas as pessoas que podemos ouvir afirmando “eu sou heterossexual”, porque esse é o grande pressuposto. Mas

⁸ Volante: pessoa que circula pela instituição auxiliando professoras/professoras que necessitam de uma um auxílio com seu grupo ou outras demandas.

⁹ Maria é um nome Fictício.

¹⁰ Valentina é um nome Fictício.

dizer “eu sou gay” ou “eu sou lésbica” significa fazer uma declaração sobre pertencimento, significa assumir uma posição específica em relação aos códigos sociais dominantes. (LOURO, 2000, p.62.)

Neste momento me senti mal, sem ação ao ser barrado com esta fala, será que é só o corpo masculino, ou a posição que sou de homossexual? Chego perto da professora Maria, pergunto se posso me retirar de sala, na mesma hora me retirei e comecei a refletir: será que fiz algo que a avó observou; foi alguma ação minha? Reflito e me coloco na posição de um professor do sexo masculino e por ter minha sexualidade evidentemente clara para toda sociedade, isso deixa sua avó desconfortável nessa situação. Então a partir desta situação começo a refletir qual é a posição do professor do gênero masculino na sala de uma instituição de educação infantil, e qual a sua importância.

“Eu acho que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente sobre o sexo oprimido, do mesmo jeito que um historiador das classes não pode fixar seu olhar unicamente sobre os camponeses, Nosso objetivo é entender a importância dos sexos dos grupos de gênero nos passado histórico. Nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para muda-la” (SCOTT, 1989, p. 3.).

O segundo fragmento histórico escolhido foi quando estava à procura de uma vaga de emprego em instituições particulares. Neste período trabalhava em um local como auxiliar de secretaria, mas o meu contrato estava para finalizar, então dei início a procura de novos empregos. Mandeí currículos para vários locais, minha intenção foi à busca para auxiliar de sala da educação infantil para aprender junto a outra pessoa o famoso “chão de sala”, sabendo que escutaria muitos não pela frente pela minha condição de ser do gênero masculino, que esta profissão sempre foi vista pela sociedade como uma área para mulheres, mas isto não me desanimava, pois sempre pensava que eu estava me formando para ser um Professor e iria atuar nesta área.

Não obtive resposta em nenhuma entrega/envio de curriculum. Foi quando entrei no site de vagas de empregos, e que lá havia uma que me interessou, encontrei uma vaga para auxiliar de sala na instituição de educação infantil no CEI Convivência Baby,

peguei o número e liguei para marcar um horário com a coordenadora pedagógica para conhecer um pouco a instituição e sobre a vaga de estágio.

Nessa perspectiva, logo no nascimento, meninos e meninas têm seus corpos lidos e significados são atribuídos a eles; as diferenças biológicas expressas por seus órgãos sexuais externos e o enquadramento daí derivado vão marcar suas vidas permanentemente. Daí decorre que o corpo seria a primeira forma de distinção social, derivando e marcado todas as outras construções. (SAYÃO, 2005, p. 71)

Atenderam ao telefone logo me apresento: - Olá, me chamo Mauro e estou atrás de vaga de estágio, ainda esta em aberto a vaga para estágio? A secretária muito simpática me responde que sim. Fico muito contente em saber que depois de muito procurar consigo achar, mas logo em seguida minha felicidade é interrompida com uma pergunta da mesma: - Mas para quem seria esta vaga de estágio, senhor Mauro? Respondo a ela da seguinte forma: - Seria para mim mesmo, estudo pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina, já trabalhei em outra instituição de educação infantil, tenho experiência e gostaria muito de por em prática as teorias que tenho aprendido na graduação, e estou à procura de um estágio para contribuir para minha formação acadêmica.

Ao falar tudo isso a ela, então tenho uma triste noticia passada por telefone: - Mas então meu querido não sei se você sabe, aqui trabalhamos com crianças pequenas e não temos nenhum professor, ou melhor homem dentro de sala de aula.

Logo em seguida a ligação é desligada pela mesma. Fico indignado, com raiva, triste, muitas sensações se passaram naquele momento, uma tristeza muito grande, fiquei sem ação, mas não pude deixar por isso mesmo, como aceitar que uma instituição de educação infantil trate o profissional da educação infantil desta forma só por ele ser do sexo masculino, temos que ser valorizados pela nossa profissão e não pelo nosso sexo.

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. [...] os cuidados com o corpo foram atribuídos às mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou

meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamento, estigmas e preconceito (SAYÃO, 2005, p. 18).

Após todo este ocorrido, entro no grupo da pedagogia em uma rede social, que tem bastante visibilidade e relato este acontecimento e peço o apoio dos estudantes do curso para mandarem um e-mail falando deste acontecimento, repudiando esta ação. Após uma semana do incidente, a coordenadora pedagógica me liga, liga em meu telefone pessoal, fiquei sem saber como conseguiu meu número. Pede mil desculpas, retrata-se do acontecido e que por favor pedir para parar de mandar e-mails relatando este acontecimento, e que se eu estivesse ainda a procura para eu ir até o local para passar pela seleção e ver como seria meu currículo.

Respondo a coordenadora que aceitei desculpas, mas agradeço esta vaga, e que não iria trabalhar em um local em que os sexos são discriminados, e que estudava para fazer a diferença nessas crianças de alguma forma, quebrando estes padrões da sociedade, como um exemplo clichê, mas que é ainda muito visto por todos: rosa de menina, e azul de menino. Padrões estes que precisamos desmistificar em quanto Pedagogo/a.

O terceiro e último fragmento retirado de meus registros acontece em um grupo que sou professor, no ano de 2016. Assumo o infantil 2, assim intitulado pela instituição, que é composto por 7 crianças, 6 meninas e 1 menino. Todo início de ano é de costume desta instituição fazer reunião com as famílias. Os professores ligam para as elas, marcam um melhor dia e horário para uma entrevista, conhecemos um pouco mais sobre a criança e seus hábitos e rotinas, para depois iniciar uma inserção desta criança no novo grupo em que ela pertencerá.

Ligo para Maria¹¹, mãe do João¹², este o único menino da turma, ao atender fica muito feliz em saber que eu seria o professor do seu filho, pois já nos conhecíamos de um outro espaço que eu fui auxiliar de sala e sua filha frequentava, espaço este que eu já fiz estágio. Chegou então o dia da entrevista, Maria mostrou-se muito empolgada, falando que assim que recebeu minha ligação na semana que antecedeu nossa entrevista, em que me apresentei falando que seria o professor de seu filho, e que logo ao fim da

¹¹ Maria é um nome Fictício.

¹² João é um nome Fictício.

ligação, ela chamou João para avisar que ele teria um professor e não uma professora, e eu o ensinaria a jogar futebol e também fazer xixi em pé e que isso seria muito importante para o desenvolvimento do seu filho.

Por certo os próprios sujeitos estão empenhados na produção de gênero e da sexualidade em seus corpos. O processo, contudo, não é feito ao acaso ou ao sabor de sua vontade. Embora participantes ativos dessa construção, os sujeitos não a exercitam livres de constrangimento. Uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece pauta para as transgressões. (LOURO, 2004, p. 17)

Assim que ela finalizou sua fala na entrevista inicio a minha fala: - Então Maria não é por eu ser do sexo masculino que eu sei jogar futebol ou gosta deste esporte, mas pelo contrario não sou a favor de esportes que motivem a competição e estes que estão sempre envolvido em brigas e xingamentos e também não existe um jeito certo de fazer xixi, estas regras foram impostas pela sociedade, a sociedade que impõe que o homem faça em pé para mostrar sua masculinidade, caso contrario o homem é visto como “mulherzinha”, eu enquanto professor quero mostrar ao contrario para estas crianças, mostrar as eles a diversidade de pessoas que existem em nossos ao redores. E como o seu filho esta em processo de desfralde deixarei a melhor forma para ele se sentir a vontade para ir ao banheiro.

Não aconteceu nenhum desentendimento nesta conversa, terminamos de um forma bem descontraída nossa conversa, mas em suas falas é possível notar como o gênero masculino esta enquadrado em padrões que devem ser seguidos. Por fim, fiquei me questionando, para eu ser do gênero masculino, preciso seguir normas/regras/padrões? A minha masculinidade precisa estar em evidencia? Por não seguir estes padrões serei visto como um “marginal” de uma sociedade rotulada.

5 Considerações Finais

Desde meu início na graduação essas questões que envolvem o corpo masculino dentro de sala de aula é questionado, pois é visível já neste curso a predominância feminina. E a forma que esta questão é tratada mesmo dentro do curso, pois professores e estudantes sempre tratam a todos como alunas e as estudantes mesmo estando à presença de uma pessoa do gênero masculino presente.

Torno a enfatizar que essas questões das masculinidades, sexualidade e gênero devem ser discutidas já na graduação, de toda a minha formação, apenas uma disciplina tratou, de forma simplificada. Essa disciplina é ofertada na primeira fase, chamada Diferença, Estigma e Educação. Esta padronização em torno do corpo masculino e quais condutas ele deve seguir para assegurar sua sexualidade, são questões impostas pela sociedade, como se fosse algo anormal um homem trabalhar com crianças de pouca idade, principalmente na educação infantil. Com este trabalho tento fazer uma desconstrução e mostrar o preconceito vivido por lecionar nesta área, preconceito que por muitas vezes está oculto nas falas e nos gestos.

Entendendo que a Educação Infantil constitui-se em um espaço onde se aprende na prática cotidiana, analisando como e por que surgem os preconceitos e discriminações acerca do corpo masculino em seguir uma conduta não aceitável diante algumas pessoas. E neste espaço da educação infantil deve-se predominar o comprometimento com a diversidade através de ações que mostrem as crianças, famílias e corpo docente, o conhecimento de igualdade de oportunidade independentes de marcadores identitários.

Ser um homem na educação infantil se assimila a estereótipos que de acordo com a sociedade não vão de encontro com a educação de crianças pequenas, existem pressões em vinculação a masculinidade heteronormativa que representa uma preocupação aos homens por terem que comprovar sempre sua masculinidade. É possível sempre ver uma associação de professora a uma figura materna, e quando essa associação é com um professor nunca será de uma figura de pai, amoroso, como é visto a de uma professora, e sim um corpo estranho em um local pouco habitado.

Ser homem, atuar na educação infantil, corresponder a padrões esperados por uma sociedade, não é uma tarefa fácil, mas aos poucos vamos nos fazendo pertencente da comunidade escolar em que atuamos, e ocupamos este espaço de professor comprovando que um homem tem as mesmas condições de trabalhar nesta profissão predominantemente exercida por mulheres, e que isso são apenas questões culturais.

6 Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, K. A. ; LIMA, Patrícia de Moraes . **A docência na educação infantil: sobre os contornos da experiência pedagógica no encontro com as crianças. Investigar em educação.** Revista da sociedade portuguesa de ciências da educação, v. 4, p. 57-68, 2015.

ANDRADE, T. R. ; ABREU, Jânio Jorge Vieira de. ; SOUSA, R. C. . **Homens, afetividade e cuidado infantil nas creches de Teresina (PI).** In: FIPED - Fórum Internacional de Pedagogia, 2012, Parnaíba (PI). A pesquisa na graduação: emancipação humana, práxis docente, trabalho e educação. Campina Grande / PB: Realize Editora, v. 1. p. 1-15, 2012.

ARAÚJO, P. M.; HAMMES. C. C. **A androfobia na educação infantil. Interfaces da Educação.** Paranaíba, v. 3, n. 7, p. 5-20, 2012.

BORTOLINI, A.S. **Sexualidade, gênero e diversidade - currículo e prática pedagógica** In: Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH, Salvador, 2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

CESAR, M. R. **Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”.** Educar, n. 35, p. 37-51, 2009.

COLE, Babette. **A princesa sabichona.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COLE, Babette. **Príncipe Cinderelo.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CONNEL, Robert W. **Masculinities.** México: Cambridge: Polity Press, 1995.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.** Revista Estudos Feministas, CFH/CCE/UFSC, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan/abr. 2013.

FINCO, Daniela . **Brincadeiras, Invenções e Transgressões de Gênero na Educação Infantil.** Múltiplas Leituras , v. 3, p. 119-134, jan./jun. 2010.

FREIRE, Madalena. **Educando o olhar da observação – Aprendizagem do olhar.** Texto retirado do livro: Observação, registro e reflexão. Instrumentos Metodológicos I. 2ª ED. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

GASPAR, Mônica Maria Gadelha; PEREIRA, Fátima; PASSEGGI, Maria da Conceição. **As narrativas autobiográficas e a formação de professores: uma reflexão sobre o diário de acompanhamento.** Diário de acompanhamento: reflexões sobre a escrita do memorial de formação, 2012.

GRANÚZZIO, Patrícia Magri. **A questão homossexual e a formação de professores.** GT: Formação de Professores, n. 08.

HADDAD, Lenira; CORDEIRO, Maria Helena; MONACO, Grégory Lo. **As tarefas do professor de educação infantil em contextos de creche e pré-escola: buscando compreender tensões e oposições.** Educação & Linguagem, v.15, n.25, p. 134-154, jan./jun. 2012.

LENAIN, Thierry. **Ceci tem pipi?..II.** Delphine Durand. São Paulo: cia das letrinhas , 2004.

LOURO, Guacira Lopes, **Conhecer, pesquisar, escrever...** Educação, Sociedade e Cultura, n. 25, p. 235-245, 2007.

LOURO, Guacira Lopes, **O Corpo Educado, Pedagogias da Sexualidade.** 2 ed. Belo Horizonte, 2000.

LOURO, Guacira Lopes, **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte, 2004, p.96.

MARAFON, Danielle. **Educação Infantil no Brasil: um percurso histórico entre as idéias e as políticas públicas para a infância.** Trabalho de Conclusão de Curso Pontifícia Universidade Católica- PUC-PR/FATEB, 2012.

MONTEIRO, Mariana Kubilius ; ALTMANN, Helena . **Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil.** In: 36ª Reunião Nacional da ANPEd, 2013, Goiânia. 36ª Reunião Nacional da ANPEd.

MOYSÉS, Márcia H. F., MOTA, Maria V. S. **O despertar da consciência corporal do professor.** Sd. GT: Formação de Professores, n. 08, p. 1-13.

ROSA, Rogério Machado da; LIMA, Patrícia de Moraes. **O corpo docente masculino: suas variações e (in)conformidades.** Educação (UFSC), v. 38, n. 1, p. 123-136 jan./abr. 2013.

ROSA, Rogério Machado. **Corpos híbridos na docência: experiências, narrativas de si e (des) construção das masculinidades no magistério.** (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2009.

SANTOS, Cláudia. **A Invenção da Infância Generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 1-13, 2004.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche.** (Tese de Doutorado) Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis, p. 1-274, 2005.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero na creche: os homens no cuidado e educação das crianças pequenas.** G.T Educação das crianças de 0 a 6 anos - G.T. 07. Santa Catarina: UFSC.

SCOTT, Joan. **Gênero; uma categoria útil para análise histórica.** Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Do original Gender: An useful category of historical analyses. Recife: S.O.S. Corpo, 1991, p. 1-35.

SOUZA, Jane Felipe de. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil.** Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, setembro de 1999.

TATAGIBA, Ana Paula. **Repercussões do trabalho masculino nas instituições de Educação Infantil.** Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 3, n.2, p. 165-173, ago./dez 2012.

TUCKMANTEL. M. M. A sexualidade vai à escola: da informação biológico reprodutiva à formação do sujeito ético. Revista Trilhas Pedagógicas, Pirassununga, v.1, n. 1, p. 38-64, ago. 2011.